

# **O conceito de classe média no município de São Paulo: a utilização de indicadores para sua quantificação \***

Leandro Blaque Becceneri ♦

## **Resumo**

Esse trabalho propõe um estudo empírico do município de São Paulo com o objetivo de identificar variáveis que possam representar o conceito de classe média, possibilitando uma quantificação de tal conceito, para assim testar a hipótese da ocorrência de um processo de reestruturação da composição social, que possibilitou o surgimento de questões acerca da ascensão de uma nova classe social, a chamada “nova classe média”. As questões referentes à classe média brasileira não apresentam um consenso teórico, assim como inexistem um conjunto de variáveis pré-definidas capazes de representar esse grupo social. A metodologia empregada nesse estudo envolve a construção e análise de indicadores sociais que possam representar o conceito de “classe média”, para além de um recorte exclusivo por renda. Entre os métodos, análises e indicadores que serão desenvolvidos, destaca-se o Índice de Moran. Dessa forma, o trabalho inova ao contribuir com variáveis não exclusivas de renda, além de apresentar resultados inéditos na análise espacial dessas variáveis.

**Palavras-chave:** Classe média; Índice de Moran; Indicadores sociais; São Paulo.

## **1. Introdução**

O presente trabalho propõe um estudo empírico do município de São Paulo com o objetivo de identificar variáveis que possam representar o conceito de classe média, para testar a hipótese da ocorrência de um processo nos últimos dez anos, em que uma forte retomada do crescimento da economia, acompanhada de uma reestruturação da composição social, fez surgir questões acerca da ascensão de uma nova classe social, a chamada “nova classe média”.

A utilização da definição/nomenclatura “classe média” e “nova classe média” pela mídia, por economistas e pesquisadores é uma vulgarização da categoria “classe”,

---

\* Trabalho final da disciplina População, Espaço e Ambiente da Pós-graduação em Sensoriamento Remoto do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, INPE.

♦ Aluno de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: [leandrobecc@hotmail.com.br](mailto:leandrobecc@hotmail.com.br)

atrelando-a diretamente ao nível do consumo e renda. A determinação de estratos ou camadas sociais se dá através de muitos outros fatores do que apenas a posse e poder de consumo ou o eventual acesso a crédito (SOUZA, 2010). Ainda de acordo com Souza (2010) essa classificação é limitada, uma vez que não explicita que a vida desse grupo apresenta grandes desafios, sendo conflitante e cheia de obstáculos e contradições.

Segundo Neri (2008), existem pelo menos duas perspectivas para se conceituar “classe média”. Uma é pela análise das atitudes e expectativas das pessoas. Outra é pelo potencial de consumo, tal como no chamado Critério Brasil na qual a classe média é chamada de Classe C. Na pesquisa da FGV, essa “nova classe média”, ou “nova classe C”, está compreendida abaixo da A e B e acima da D e E. A fim de quantificar a renda, foi realizado um cálculo da renda per capita de cada domicílio. Dessa forma, a classe C tem uma renda entre R\$1.064,00 e R\$ 4.561,00 e se localiza acima dos 50% mais pobres e abaixo dos 10% mais ricos do país. A chamada “nova classe média” brasileira – a classe C – equivale a quase 98 milhões de pessoas. Dessa forma, o economista Marcelo Neri (2008) aponta que a classe C “é a imagem mais próxima da sociedade brasileira”. Seriam então o consumo e a renda os passaportes para ingressar na classe média?

Alguns autores divergem da tese do surgimento de uma nova classe social, como por exemplo, Souza (2010), para quem a visão economicista vigente simplesmente não analisou o aspecto social e imaterial, e universalizou os pressupostos da classe média para todas as demais classes abaixo desta, como se as condições de vida dessas classes fossem as mesmas. Outros autores indicam uma ampliação das ocupações na base da pirâmide social brasileira, reforçando assim a classe trabalhadora, que estaria equivocadamente sendo identificada como nova classe média (POCHMANN, 2012).

Considerar a parcela emergente da população como “nova classe média” parece ter como objetivo corroborar uma afirmação de que o país tornou-se um país de classe média, negando a existência de uma imensa massa de trabalhadores manuais, pouco instruídos, pobres e excluídos que ainda representam uma parcela bastante significativa da população brasileira. Apenas a utilização do termo classe média gera muitas controvérsias. De acordo com Vicente (2013), existem muitas definições e metodologias utilizadas na classificação da população de um país, porém, no Brasil, a

despeito das variações metodológicas, a maioria utiliza o critério renda nessa classificação, variando apenas a maneira como essa variável é operacionalizada.

No contexto desse debate, o presente trabalho constitui-se de uma abordagem preliminar e exploratória, a fim de operacionalizar as ferramentas e o conceito para a análise da classe média paulistana, através da utilização de indicadores sociais. A construção e análise dos indicadores tiveram como base o Índice de Moran Global e Local e utilizou informações do Censo 2010 do IBGE.

## **2. Classe média enquanto conceito**

As recentes transformações econômicas e sociais ocorridas no Brasil nos últimos dez anos levantaram questões sobre a estrutura social brasileira, assim como a ascensão de uma parcela da população, que tem sido constantemente chamada de “nova classe média”. O Brasil apresentava, até a década de 1930, três estamentos sociais claramente definidos: uma pequena elite dominante, uma igualmente pequena classe média, e uma grande classe trabalhadora. Com o abandono do modelo agrário-exportador nos anos 1930 e a adoção de uma política de industrialização nacional, a classe média brasileira cresceu de forma vigorosa até o final da década de 1970, quando com o aparecimento dos primeiros sintomas de crise, este crescimento foi contido. Através das políticas de estabilização econômica e de caráter neoliberal, a classe média encontrou inúmeras dificuldades para sua reprodução dentro da sociedade brasileira. Apenas a partir da década de 2000 é que esta volta a crescer de forma significativa, ganhando novamente importância no cenário econômico e social do país (SINGER, 1980).

Cabe destacar que o Brasil se encontra entre os países de mais alta trajetória de mudança social. Em termos internacionais, observa-se que o indicador de mobilidade social do conjunto da população apresenta-se muito diferenciado entre as nações. Dos anos 1900 a 1970, a mobilidade social brasileira foi em torno de 58%. Já dos anos 1970 aos anos 2000, aumentou para 63%. Esse ritmo da mobilidade que se constata no Brasil é superior ao de países desenvolvidos como, por exemplo, Inglaterra onde a mobilidade é de 59%, da Suíça (55%), Áustria (52%), Alemanha e Itália (53%), além de outros países. Entre os países desenvolvidos, os que superam o Brasil na mobilidade social são Austrália (69%) e Estados Unidos (67%). Entretanto, Pastore e Silva (2000) destacam que a mobilidade social pode se dar tanto para cima como para baixo, assim,

determinadas pessoas ascendem se comparadas a seus pais, enquanto outras, outras descem. Porém, no caso do Brasil, o que se encontra é que cerca de 79% dos chefes de família estão em uma posição social superior a de seus pais (PASTORE e SILVA, 2000). A heterogeneidade de estruturas sociais presentes nesse início de século XXI reflete o curso da divisão internacional do trabalho. Quanto mais rápida for a dinâmica econômica, maior é a tendência de ocorrer mudanças sociais cujo peso da ocupação e renda ganha destaque (POCHMANN, 2013).

Fato é que nosso país viveu na última década um forte crescimento econômico, obtendo como resultado uma grande expansão do mercado de trabalho e, além disso, de ocupações formais. Nesse aspecto, é importante citar que o comportamento mais expressivo das classes baixas se dá em condições macroeconômicas desfavoráveis às estruturas produtivas mais complexas e avançadas. Sendo assim, os empregos e oportunidades gerados concentram-se nas faixas de menor remuneração (QUADROS, 2008). Os trabalhos gerados favoreceram principalmente a base da pirâmide social brasileira, especialmente nas áreas com remuneração próxima ao salário mínimo (POCHMANN, 2012).

O surgimento de um novo estrato social ou a entrada de importante número de pessoas em uma classe já existente abre caminho para que diversos trabalhos e estudos surjam, tanto apoiando a ideia de uma nova classe, assim como os que são contra essa tese. Dessa forma, torna-se crucial entender as transformações que ocorreram em nossa sociedade, assim como os impactos destas mudanças nas classes sociais no comportamento e na dinâmica social do país.

Nesse sentido, cabe definir aqui o objeto da pesquisa, a chamada “nova classe média”, ou “Classe C”. Entre as classes A e B e D e E, encontra-se a classe C. Segundo Neri (2008) a classe C é a imagem mais próxima da sociedade brasileira. Essa “nova classe média” também pode ser definida como o conjunto de pessoas que mesmo tendo poucas posses, destaca-se por posições intermediárias tanto na estrutura sócio ocupacional como na distribuição pessoal da renda e riqueza (GUERRA et al, 2006).

O tema da classe média é polêmico e controverso, havendo uma grande variedade de temas associados a ele, assim como aspectos políticos, ideológicos e

socioeconômicos, tornando sua compreensão, como parte do sistema capitalista em um país periférico, confusa e de difícil identificação (POCHMANN, 2012).

### **3. Metodologia**

A metodologia desse trabalho envolve a construção e análise de indicadores sociais que possam representar o conceito de “classe média”, para além de um recorte exclusivo por renda. Assim, tentou-se tornar esse conceito em algo mensurável, quantificável. Um indicador social, segundo Januzzi (2004) é:

(...) uma medida em geral quantitativa dotada de significado social substantivo, usado para substituir, qualificar ou operacionalizar um conceito social abstrato, de interesse teórico (para pesquisa acadêmica) ou programático (para formulação de políticas). É um recurso metodológico, empiricamente referido, que informa algo sobre um aspecto da realidade social ou sobre mudanças que estão se processando na mesma. (JANUZZI, pág. 15, 2004).

Os indicadores sociais podem representar quantitativamente fenômenos e processos sociais, e através deles é possível o desenvolvimento de pesquisas e a formulação e monitoramento de políticas públicas. Nesse sentido, serão utilizados indicadores sociais, com ênfase nos indicadores produzidos com base no questionário da amostra e assim espacializar os dados para as Áreas de Ponderação do Censo Demográfico 2010 do IBGE. A Área de Ponderação é a menor área geográfica para a qual é possível efetuar estimativas com base em informações do questionário da amostra (IBGE, 2010). Assim, através da construção e análise de indicadores sociais, o estudo pretende investigar indicadores que possam representar o conceito de classe média no município de São Paulo. Para isso, será realizada uma análise estatística espacial de indicadores socioeconômicos e demográficos. Entre os métodos, análises e indicadores que serão desenvolvidos, destaca-se o Índice de Moran (ANSELIN, 1995).

O Índice de Moran é uma medida de autocorrelação espacial, sendo bastante utilizado quando se deseja um sumário da distribuição espacial dos dados. Nesse sentido, o Índice de Moran incorpora uma dimensão bastante inovadora, ao testar até que ponto o nível de uma variável para uma dada área é similar ou não ao das áreas vizinhas. Por exemplo, em situações onde não existe autocorrelação espacial, a distribuição dos valores dessa variável será uniforme em todas as áreas da cidade, isto é, se o percentual da variável na cidade é de 30%, esta proporção será aproximadamente a

mesma em todas as áreas do município e o Índice de Moran tenderá a zero. Para as situações onde há autocorrelação, as áreas com altas concentrações da variável serão vizinhas entre si e o Índice de Moran se aproximará de um. Assim como no caso dos outros indicadores espaciais, este indicador tende a ser afetado pela escala geográfica adotada (ANSELIN, 1995).

O Índice de Moran (I) é descrito como:

$$I = \frac{N}{S_0} \frac{\sum_i \sum_j w_{ij} x_i x_j}{\sum_i x_i^2}$$

Onde,  $w_{ij}$  um elemento da matriz vizinhança espacial  $W$  que indica se as áreas  $i$  e  $j$  são contíguas. Foi utilizada uma matriz de vizinhança de primeira ordem, com  $w_{ij}$  assumindo valor 1 se  $i$  e  $j$  são fronteiros e 0 caso contrário.  $S_0$  é um fator de normalização igual a soma de todos os pesos e  $x_i$  corresponde ao valor do indicador a ser testado para a área  $i$  e  $N$  o número de observações. Foi utilizado o nível de significância de 5% nos testes de hipóteses, onde a hipótese nula corresponde ao valor observado do índice para cada um dos quatro indicadores igual a zero. Para se verificar a existência de padrões espaciais e sua identificação utiliza-se o Índice de Moran Local.

### 3.1 Seleção das variáveis

A seleção das variáveis para representar as dimensões referentes à classe média constituiu-se em uma importante tarefa a fim traduzir esse conceito em indicadores objetivos, operacionalizando a análise. Como dito anteriormente, as questões referentes à classe média brasileira não apresentam um consenso teórico, assim como inexiste um conjunto de variáveis pré-definidas capazes de representar esse grupo social. Dessa forma, na seleção das variáveis buscou-se abranger tanto características das pessoas como dos domicílios através das dimensões renda, trabalho, educação e características dos domicílios presentes no objeto deste estudo, ou seja, o município de São Paulo. A seguir, a Tabela 1 apresenta os oito indicadores selecionados com objetivo de representar o conceito de “classe média”.

**Tabela 1 – Indicadores selecionados para análise**

| <b>Indicador</b>   | <b>Dimensão</b>                     |
|--|-------------------------------------|
| População residente - frequentava Rede de ensino Particular;<br><br>Pessoas de 10 anos ou mais de idade com curso Superior completo;   | <b>Educação</b>                     |
| Domicílios particulares permanentes com Microcomputador com acesso à Internet;<br><br>Domicílios particulares permanentes com Automóvel para uso particular;   | <b>Características domiciliares</b> |
| Pessoas de 10 anos ou mais de idade por classes de rendimento nominal mensal de mais de 2 a 3 salários mínimos;<br><br>Domicílios particulares permanentes por Classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita de mais de 2 a 3 salários mínimos; | <b>Renda</b>                        |
| Profissionais das ciências e intelectuais;<br><br>Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados.   | <b>Trabalho</b>                     |

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010. Elaboração do autor.

#### 4. Resultados

Para possibilitar uma análise das diferentes dimensões referentes ao conceito de classe média, foram feitas análises com os indicadores selecionados para o município, a partir do Índice de Moran. É importante destacar que foram gerados os percentuais dos indicadores originais presentes nas planilhas disponíveis no *website* do IBGE, como demonstrado no exemplo abaixo:

Computador e internet ÷ Total de Domicílios Particulares Permanentes × 100, ou

$$5047 \div 9089 \times 100 = 55,47\%$$

Para o cálculo do Índice de Moran Global e Local e para a espacialização dos dados, utilizou-se os sistemas de informações geográficas Terraview e GeoDa. Abaixo, foi elaborada uma tabela com os fatores analisados e seus respectivos índices de Moran Global:

**Tabela 1 – Índice de Moran Global das variáveis**

| <b>Indicadores</b>   | <b>Índice de Moran (I)</b> |
|--|----------------------------|
| População residente - frequentava Rede de ensino Particular  | 0,76329                    |
| Pessoas de 10 anos ou mais de idade com curso Superior completo  | 0,83032                    |
| Domicílios particulares permanentes com Microcomputador com acesso à Internet  | 0,77442                    |
| Domicílios particulares permanentes com Automóvel para uso particular  | 0,69796                    |
| Pessoas de 10 anos ou mais de idade por classes de rendimento nominal mensal de mais de 2 a 3 salários mínimos                       | 0,44281                    |
| Domicílios particulares permanentes por Classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita de mais de 2 a 3 salários mínimos | 0,54631                    |
| Profissionais das ciências e intelectuais  | 0,79781                    |
| Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados  | 0,65455                    |

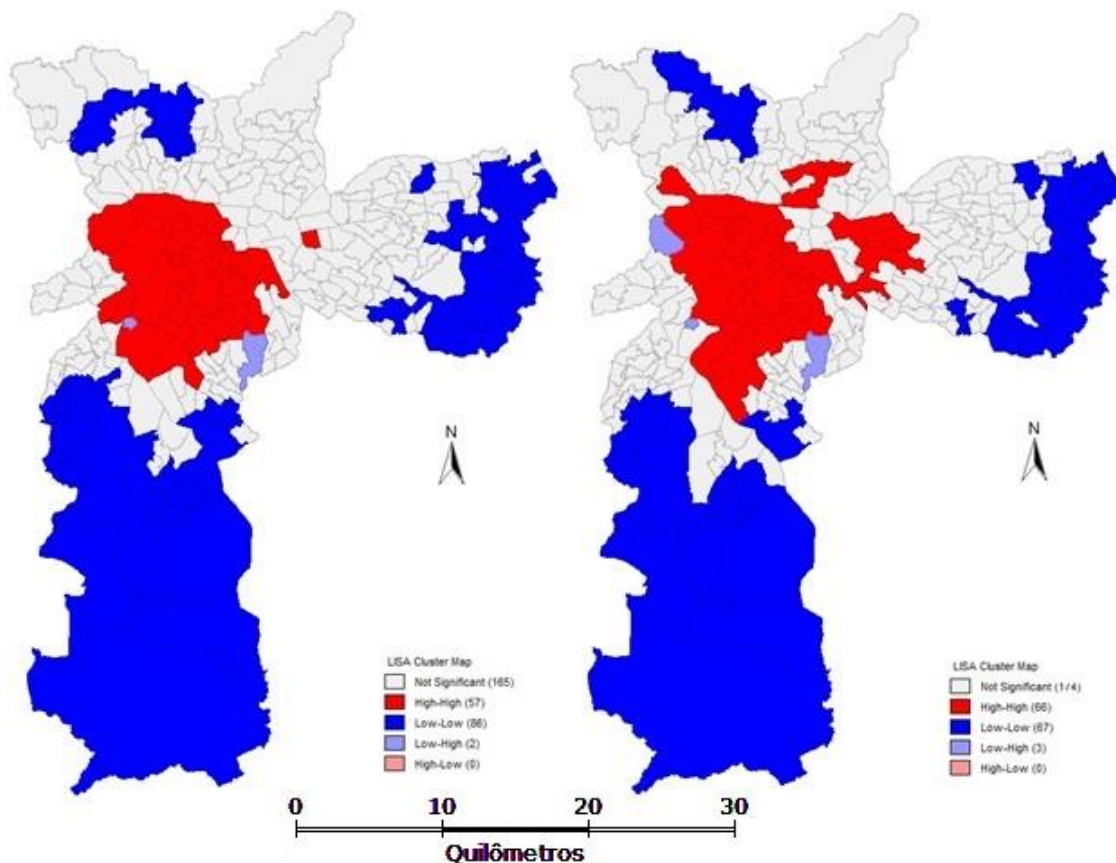
Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2000. Elaboração do autor.



A seguir, serão apresentados e descritos os mapas *LISA* (*Local Indicator of Spatial Association*), para cada um dos oito indicadores apresentados na Tabela 1, onde estão identificados os *clusters* espaciais (concentrações) de Áreas de Ponderação que se diferenciam das demais áreas do município em relação a uma determinada variável. Nesses mapas, as áreas em vermelho (chamadas de *high-high* ou alto-alto) são aquelas onde ocorrem valores da variável muito acima da média da cidade e, simultaneamente, as áreas vizinhas também apresentam valores muito altos. Já as azuis (chamadas de *low-low* ou baixo-baixo) representam as áreas com valores abaixo da média do município e simultaneamente as áreas vizinhas também apresentam valores muito baixos. As áreas em rosa e lilás são as áreas de transição, ou seja, o padrão local não é similar ao da vizinhança. Por fim, as áreas em branco são aquelas em que não foram identificados padrões espaciais que se diferenciam de modo particular do observado para o conjunto do município (ANSELIN, 1995). Portanto o Índice de Moral Local, expresso pelo mapa LISA, é um excelente método para se identificar concentrações de fatores dentro do município.

## 4.1 Educação

**Mapa 1 - Porcentagem de pessoas de 10 anos ou mais de idade com curso Superior completo e Porcentagem de população residente que frequentava a Rede de ensino Particular**



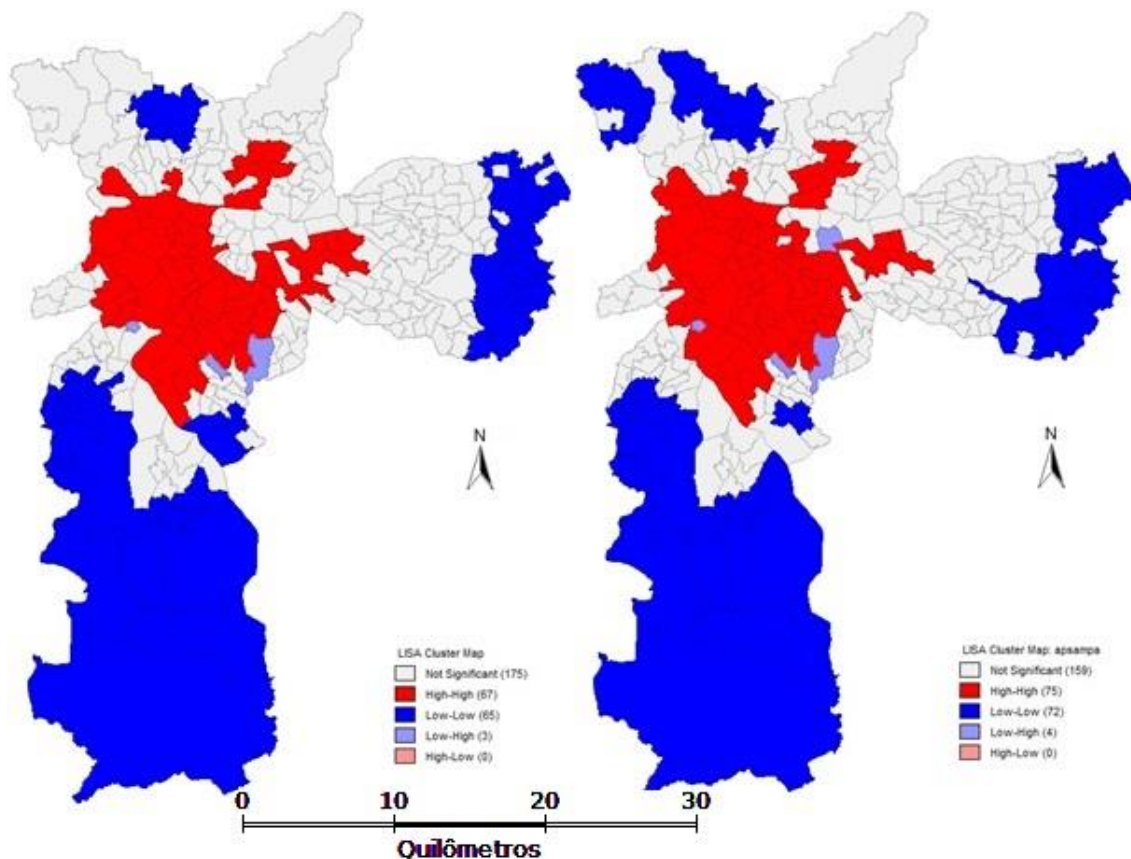
Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010. Elaboração do autor.

Nos mapas acima é possível observar o município de São Paulo dividido em Áreas de Ponderação, definidas pelo Censo 2010 do IBGE. Assim, para os indicadores de *Educação*, percebe-se que as áreas em vermelho não se estendem muito além da região mais central e rica do município, configurando um padrão centro-periferia. Porém, para a variável *percentual que frequentava a Rede de ensino Particular* (mapa da direita), observam-se algumas poucas áreas em vermelho (alto-alto) em regiões “menos nobres”, como partes das zonas sul e leste. De uma maneira geral, as áreas em vermelho apresentam uma proporção muito maior de pessoas que declararam estudar na rede particular e ter o ensino superior completo, do que no conjunto do município, enquanto as áreas em azul apresentam uma proporção inferior à média municipal. É

possível observar também que as áreas em azul encontram-se nas extremidades do município, em especial no extremo norte, leste e sul.

#### 4.2 Características dos domicílios

**Mapa 2 - Porcentagem de Domicílios particulares permanentes com Microcomputador com acesso à Internet e Porcentagem de Domicílios particulares permanentes com Automóvel para uso particular**



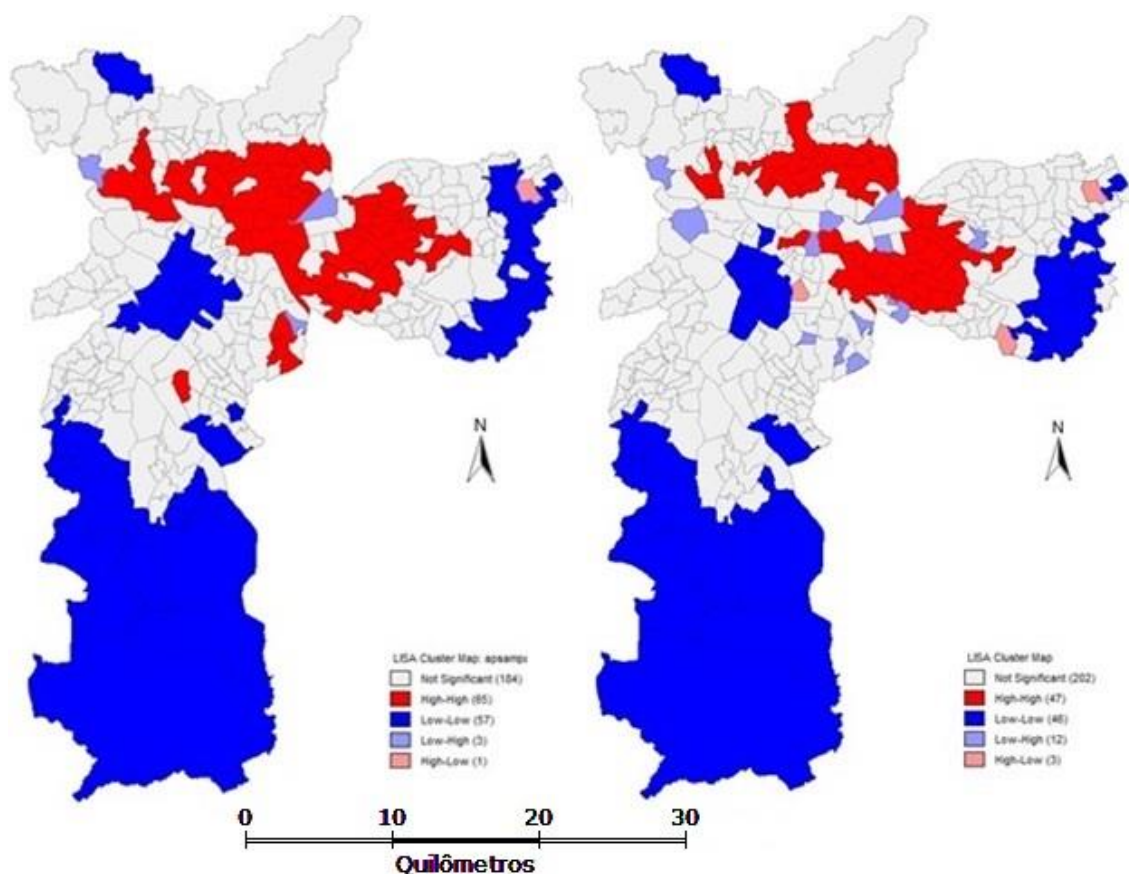
Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010. Elaboração do autor.

Os mapas acima representam as características dos domicílios, levando em consideração a posse de computadores com internet (mapa da esquerda) e de automóveis particulares (mapa da direita). Essas variáveis não se restringem apenas a domicílios na parte central ou em um possível centro expandido, ocorrendo uma concentração acima de média também em algumas partes das regiões norte, sul, leste e oeste. Novamente, assim como no mapa anterior, as áreas azuis encontram-se nas extremidades do município, em especial na zona norte e nos extremos leste e sul. Há também zonas de transição, como as apresentadas em lilás nas porções sul e leste. Ou

seja, ainda se observa um padrão centro-periferia, mas esse padrão parece não ser tão rígido como se observava historicamente no município de São Paulo.

### 4.3 Renda

**Mapa 3 - Porcentagem de Pessoas de 10 anos ou mais de idade por classes de rendimento nominal mensal de mais de 2 a 3 salários mínimos e Porcentagem de Domicílios particulares permanentes por Classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita de mais de 2 a 3 salários mínimos.**



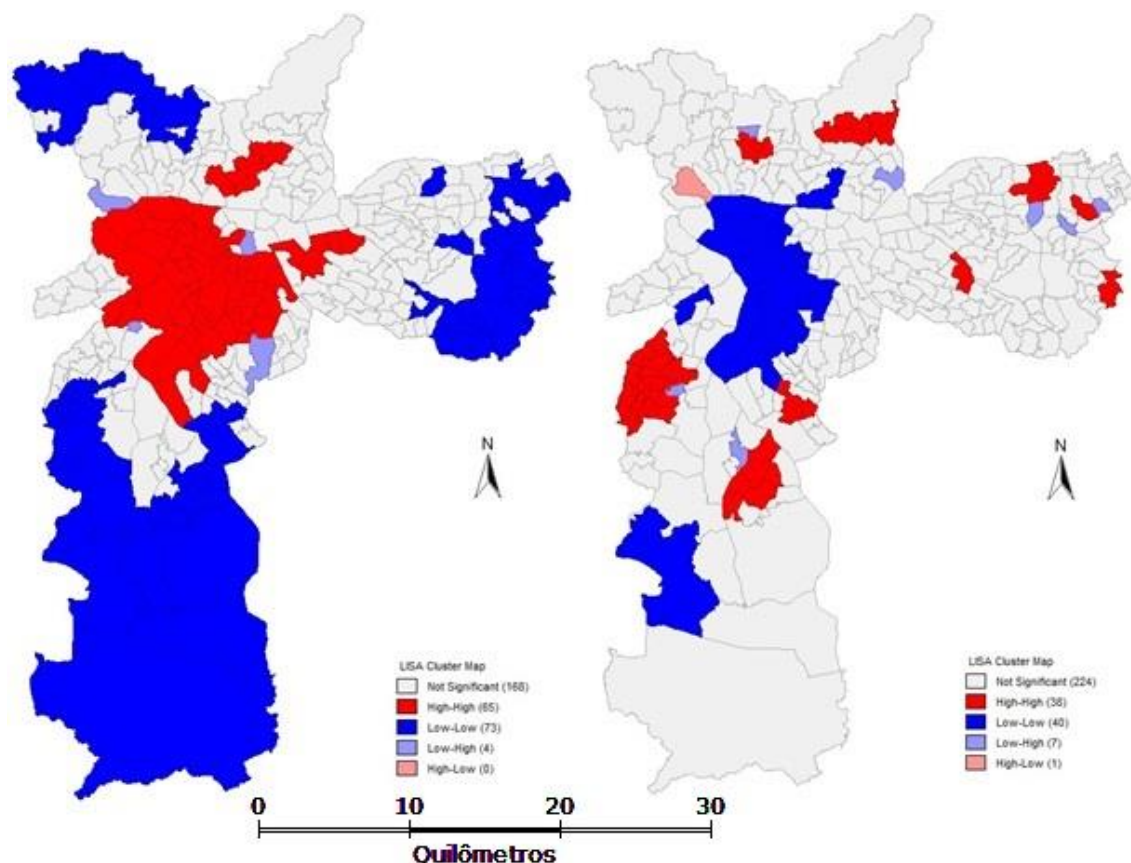
Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010. Elaboração do autor.

Os mapas acima apresentam as variáveis de renda para pessoas (mapa da direita) e domicílios (mapa da esquerda). Nesse caso, ocorre um padrão diferente em relação aos observados anteriormente. Por se tratarem da dimensão renda focando nos rendimentos pessoais e domiciliares, é possível observar que na região central e oeste os rendimentos considerados como representativos da classe média apresentam valores inferiores à média do município, assim como as extremidades norte, leste e sul. Porém, no caso das extremidades ocorre que essa faixa de renda não é alcançada, sendo que

esses lugares apresentam rendas inferiores aos valores determinados para identificar a classe média (2 a 3 salários mínimos). É importante observar que as regiões em vermelho também não estão localizadas no centro, espalhando-se no território sem um padrão uniforme, estando presentes nas áreas norte, sul, leste e oeste, porém espacialmente próximas ao centro. Também é possível visualizar zonas de transição no extremo leste e norte do município para ambas as variáveis. Não é possível verificar a ocorrência do padrão centro-periferia, uma vez que os fatores analisados se distribuíram de forma muito variada no território.

#### 4.4 Trabalho

**Mapa 5 – Porcentagem de Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, na ocupação no trabalho principal - Profissionais das ciências e intelectuais e Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados**



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010. Elaboração do autor.

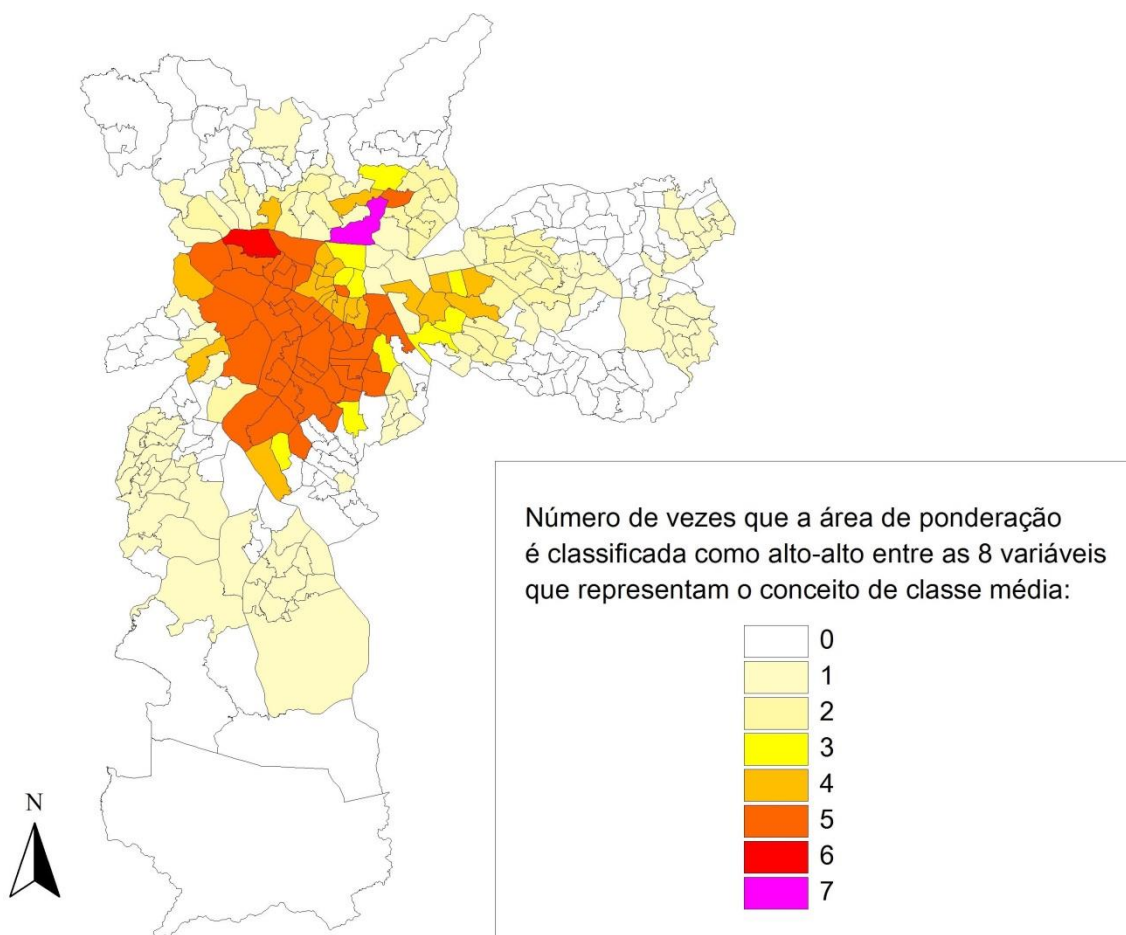
Nos mapas acima, o primeiro, que considera a variável *Profissionais das ciências e intelectuais*, configura-se como um claro padrão centro-periferia, sendo que o



segundo não apresenta esse padrão, mostrando um agrupamento da variável *Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados* por variadas áreas do município, indo do extremo leste ao extremo sul. Portanto, existe uma grande diferença entre as duas variáveis, o que resulta em uma distribuição desigual das profissões abordadas. Verifica-se que no centro ocorre uma concentração de *Profissionais das ciências e intelectuais*, sendo que nas regiões periféricas isso não ocorre. Também é possível perceber que no centro não ocorre grande presença da variável *Trabalhadores dos serviços, vendedores dos comércios e mercados*.

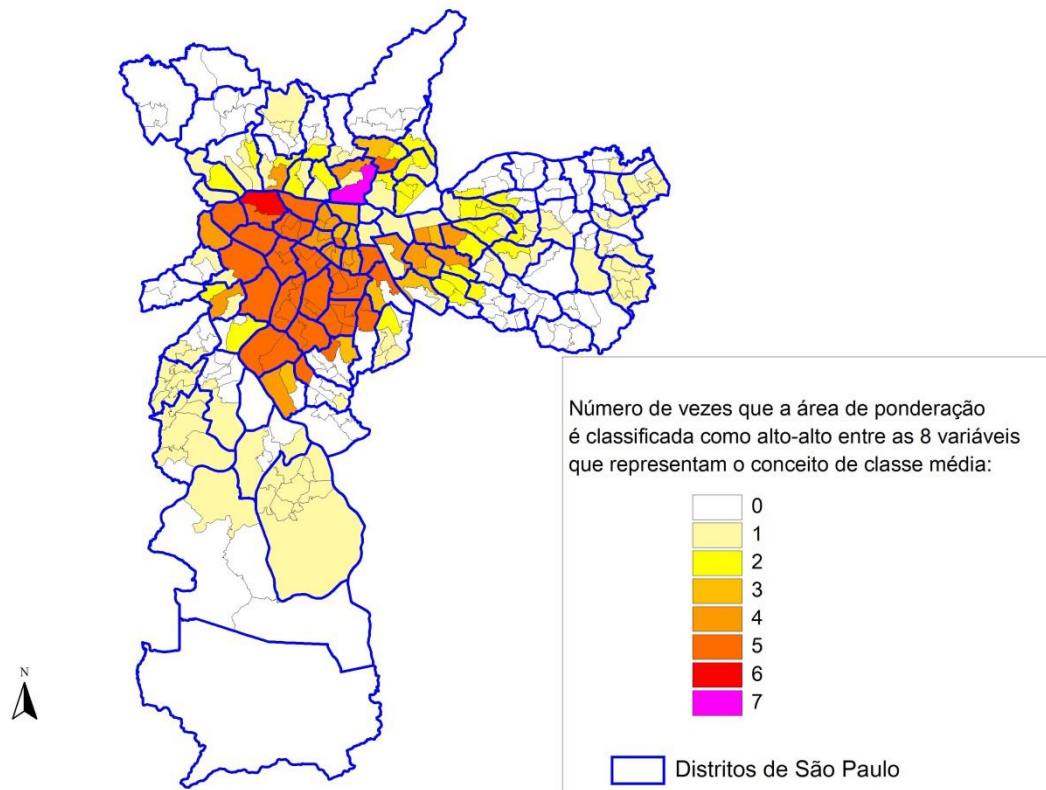
## 5. Combinações entre os oito indicadores considerados

**Mapa 6 – Combinações entre os oito indicadores**



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010. Elaboração do autor.

**Mapa 7 – Sobreposição dos distritos administrativos de São Paulo**



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010. Elaboração do autor.

O Mapa 6 combina todos os indicadores anteriormente selecionados, sobrepondo-os. Essa síntese ilustra a alta concentração de indicadores na região central do município. Assim, os resultados sugerem que enquanto a periferia é mais pobre e heterogênea socialmente, o centro rico é mais compacto espacialmente e mais homogêneo, do ponto de vista da concentração dos indicadores considerados.

O Mapa 7 apresenta os distritos de São Paulo sobrepostos ao Mapa 6, mostrando a divisão administrativa do município. Esses distritos variam em tamanho, podendo abranger várias Áreas de Ponderação. Nesses mapas, não se observa nenhuma área com mais de um indicador fora da região central ou próxima dessa região do município, o que mostra uma forte separação entre centro-periferia. É importante destacar que se verifica uma expansão da concentração de indicadores para uma área próxima ao centro expandido, espalhando-se no início das regiões norte, sul, leste e oeste. Os resultados também contribuem com o entendimento das questões acerca da classe média, demonstrando que ela se concentra principalmente em áreas centrais.

## **6. Considerações finais**

Os conceitos que envolvem o que é classe média, apesar de serem muitas vezes subjetivos e difusos, demandam abordagens que sejam capazes de quantificar e mensurar essa situação no espaço, para que as afirmações e estudos sobre esse estrato social sejam mais objetivos e quantificáveis. Apoiado nessa deficiência em mensurar tal conceito, este trabalho buscou uma primeira abordagem para o desenvolvimento de um indicador que possa representar essa condição, capaz de localizar a população em relação às suas condições econômicas e sociais, em uma escala que permita a identificação de concentrações espaciais de fatores em meio à população, para que possam, conseqüentemente, serem interpretados com maior precisão. Além disso, o modelo desenvolvido permitiu testar a hipótese sobre outras variáveis que compõe o conceito de classe média, indo além do recorte exclusivo por renda. Assim, o trabalho serve como ponto de partida para um estudo mais detalhado sobre tal fenômeno e sobre o surgimento da “nova classe média”.

Cabe destacar que o trabalho contribui com variáveis não exclusivas de renda (escolaridade, posse de bens, profissões), além de apresentar resultados na análise espacial dessas variáveis, cumprindo o objetivo proposto de fazer uma análise da classe média indo além de indicadores de renda e apresentando resultados importantes na abordagem desse tema de pesquisa.

O Índice de Moran demonstrou coerência com os padrões apresentados, proporcionando uma caracterização preliminar do conceito de classe média. Entretanto, como dito anteriormente, esta é uma abordagem preliminar e exploratória, necessitando aprimoramentos com testes de outros indicadores, assim como de adaptações metodológicas como forma de permitir uma exposição de forma clara e objetiva do conceito de classe média, para que dessa forma seja possível sua aplicação de modo eficiente em futuros trabalhos e pesquisas.

## **Referências bibliográficas**

ANSELIN, L. **Local indicator of spatial association – LISA**. In: Geographical Analysis, 1995.



GUERRA, A; POCHMANN, M; SILVA, R. et alii. **Atlas da nova estratificação social no Brasil**. Volume 1: Classe média, desenvolvimento e crise. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JANNUZZI, P.M. **Indicadores Sociais no Brasil: conceitos, medidas e aplicações**. Campinas: Allínea/PUC-Campinas, (3ª. ed.), 2004.

NERI, M. C. **A nova classe média**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2008.

PASTORE, J. e SILVA, N. V. **Mobilidade social no Brasil**. São Paulo: Makron Books, 2000.

POCHMANN, M. Mobilidade social no capitalismo e redivisão internacional da classe média. In A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político. Dawid Danilo Bartelt (org). – Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.

POCHMANN, M. **Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Editora Boitempo, 2012. QUADROS, W. **Notas metodológicas**. Campinas: IE/UNICAMP, 2008.

SINGER, P. **A crise do “milagre”**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VICENTE, E. **Nova classe média: um delírio coletivo?** In A “Nova Classe Média” no Brasil como Conceito e Projeto Político. Dawid Danilo Bartelt (org). – Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2013.